

“O olhar é uma asa que não voa...”

Alain Oulman.

No cais das colunas na baixa mar

Há muitos sobejos do esto

E restolhos a encontrar

Com gaivotas presto

Lá a sobrevoar

Em sua sanha pelo alimento

Em seu alvoroço e agitação

Para quem as contempla são alento

Para quem passa, pura emoção

Para eu que passo e contemplo

As colunas são de um templo

As águas, banho lustral

As aves, fuzilaria

De um amor desigual

Que em meu peito bateria

… E o Tejo salvará.

Antológicas, página 45.